

EDITOR PROPRIETARIO
JOÃO MARTINS DE ATHAYDE
A MULHER ROUBADA



PREÇO 1:500 RS

618-428

Francis



JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

A MULHER ROUBADA

Leitor eis a minha historia,
Não sei se alguém acha boa,
No principio verão logo,
Se será historia atôa,
Escrevo um caso que deu-se,
Na cidade de Lisbôa.

Trato de Minerva Alheiro,
Uma senhora casada,
Nascida em Panafiel,
Em Vila Rica creada,
É na cidade de Porto,
Foi ela lá educada.

Minerva era uma mulher,
Muito calma e caridosa,
Socorria os desgraçados,
E era muito caprichosa,
Como filha era um modelo,
Como esposa carinhosa.

Casou-se com Paulo Alheiro,
Homem tambem educado,
Porém vivia no mar,
Aonde era empregado,
Custava a tocar em casa,
Devido o viver vexado.



ANTUNES & CIA., LTDA.
Livreiros e Editores

O Paulo com a mulher,
 Tinham ambos consultado,
 Ele trabalhar seis anos,
 E juntar o ordenado,
 E irem morar n'umas quintas,
 Que Minerva tinha herdado.

Minerva tinha uma aia,
 Que ajudou-a a criar,
 Quando Minerva casou,
 Ela não a quiz deixar,
 Minerva também por si,
 Não a quiz desamparar.

Moravam em umas quintas,
 Quasi dentro da cidade,
 A vizinhança d'ali
 Todos lhe tinha amizade,
 Ela costurava muito,
 Roupas d'aquela arrabalde.

Paulo trouxera de Cuba,
 Um mulato alaranjado,
 E botou ele na horta.
 Para lá ser empregado,
 Limpar a horta e plantar,
 E fazer qualquer mandado.

Um dia Minerva achou,
 Que o mulato era atrevido,
 Faltou-lhe com o respeito,

Por ela foi reprehendido,
 Dizendo Minerva a ele,
 Que dava parte ao marido,

Chamava-se esse individuo,
 Aureliano Mulato,
 Por andar muito macio,
 Alguns chamava-lhe Gato,
 Esse nome para ele,
 Quadrava como de fato,

Minerva um dia o mandou,
 A rua comprar semente,
 De alface, couves e nabos,
 Que era necessariamente,
 Mas, recomendou a ele,
 A viagem muito urgente,

Prontamente ele saiu,
 Tagarelando uma lôa,
 Encontrou um estrangeiro,
 Dizendo que estava atôa,
 Porque era americano,
 E não conhecia Lisbôa.

Pedic-lhe para o levar,
 A uma hospedaria,
 Porque ele era estrangeiro,
 Só podia andar com guia,
 O levasse em casa séria,
 Que depois lhe pagaria.

Passaram pelo portão,
Do dito Paulo de Alheiro,
Minerva estava nas quintas,
Plantando flôr n'um canteiro,
O americano vio-a,
Estando por traz d'um pinheiro.

Então exclamou comsigo ;
Oh ! que mulher elegante !
Os olhos d'ela parecem,
O reflexo de um brilhante,
É impossivel que haja,
Creatura tão galante.

A boca tão encarnada,
As tranças como um retroz,
A cintura é um anel,
Deve ter bonita voz,
Se eu pudesse ter a dita,
De conversamos a sós...

Disse o mulato a Minerva,
Ir a uma hospedaria,
Levar um americano,
Que nada ali conhecia,
E então lhe prometeu,
Que com pouco voltaria.

O maldito americano,
Não esqueceu mais Minerva,
Fez do seu nome uma cousa,

Que a gente bota em conserva,
Um objeto de luxo,
Que o dono bota em reserva,

Fazia calculos comsigo ;
Como hei de conquista-la ?
Que fingimento usarei,
Para hoje ir visita-la ?
Posso morrer cruelmente,
Mas um dia hei de gosa-la.

Quem sabe se esta mulher,
Não teria aparecido,
Para eu poder pagar,
O que tenho cometido,
Se ela fôr minha desgraça,
Eu já sei que estou perdido.

Então chegou no hotel,
Foi muito bem recebido,
Puchou dez libras do bolso,
Fingindo-se agradecido,
E deu-as ao portador,
Que ali o tinha trazido.

O mulato muito alegre,
Lhe disse muito obrigado,
Cada uma libra daquela,
Eram dois mezes de ordenado,
Por isso admirou-se,
De tanto lhe terem dado.

Disse ele ai ao mulato,
Eu preciso lhe falar,
Mas a conversa é extensa,
Só pode ser devagar,
Você de noite apareça,
Eu tenho o que lhe tratar.

Eu sou dono do navio,
Que entrou para o estaleiro,
Sou seu dono e capitão,
Tenho credito e dinheiro,
Farei de você feliz,
Se não me fôr traçoeiro.

A's onze horas da noite.
O mulato lá chegou,
Ele ainda o esperava,
Tanto que alegre ficou.
Entrando para uma alcôva,
Ele ai se explicou.

Solicitou do mulato,
Se Minerva era casada,
Então lhe disse que era,
Perguntou: Se era honrada,
O mulato ai contou,
Aquilo é uma damnada.

Disse o mulato o marido,
Chama se Paulo de Alheiro,
Tem trinta anos de idade,

E musculoso e ligeiro,
Ha vinte anos que vive,
Na vida de marilheiro.

É comandante da barca,
Chamada «Polo do Norte»,
O contra-mestre da barca,
Chama-se Felix Mão Forte,
E' até da irmandade,
Da Virgem da Boa-Morte.

Vossa mercê vá por lá.
Diga que foi companheiro,
E é amigo muito intimo,
Do dito Paulo de Alheiro,
Pois para falar com ela,
Este é o ponto certo.

Porque nós estamos em Março,
Ele só chega em Dezembro,
Vossa mercê lhe fala,
E volta cá em Setembro,
Demore-se aqui no porto,
Até dia de Novembro.

Então formaram o projeto.
Ele ficou animado,
Deu mais dez libras ao tal,
Por ter bem o informado,
E disse se eu conseguir
Dou-lhe dinheiro avultado,

No outro dia as dez horas,
Foi só não quiz companheiro,
Então chegou ao portão,
Perguntou a um porteiro,
Se aquela propriedade,
Era de Paulo de Alheiro.

Respondeu então que era,
Disse que era empregado,
Indagou se a mulher dele,
Tinha em Lisbôa ficado,
— Ficou disse o tal sujeito,
E está ali no sobrado.

O sujeito era o mulato,
Mas estava todo fingido,
De formas que esta conversa,
Minerva lá tinha ouvido.
Como bem ele dizer,
Que era amigo do marido,

Faz favor dizer a ela,
Que lhe desejo falar,
Já que não encontrei Paulo,
Com quem gosto de trocar,
Desejo conhecer ela,
Que quero a cumprimentar.

Minerva quiz lhe mandar,
Dizer que estava ocupada.
Sem lhe dar desmonstração,

De gente mal educada,
Queria que se dissesse,
Que ela era delicada,

O mulato deu o recado,
E ela disse: Mande entrar;
Tinha aí um visinho,
Que lhe viéra visitar,
Ela foi para uma sala,
E o mandou se sentar.

Bom dia? disse o recente,
— Tenha o mesmo cavalheiro?
Perguntou ele: A senhora,
É esposa do Alheiro?
Um meu amigo distinto,
E muito bom companheiro...

Sou eu uma sua creada,
Estou-lhe muito obrigado,
Dizia o facineroso,
Tremendo num fraseado,
Ha seis mezes, que disseram-me,
Que Paulo estava casado.

Minerva o interrogando.
Como se chama o senhor?
Respondeu-lhe o meu nome?
É Pekin de Watelor,
Eu fui colega de Paulo,
Fomos de um só professor.

Soube que morava aqui,
Embora que ele não está,
Eu vim só vêr a senhora,
Já que ele anda por lá.
Quando ele voltar lhe diga,
Que Pekin andou por cá.

O maldoso estudou bem,
E depois de lhe ter lido,
Honestidade e pudor,
Disse a si mesmo: Perdido,
Esta aqui pode morrer,
Mas não é falsa ao marido,

Ergueu-se e disse a Minerva,
Licença que vou chegando,
Tenho um navio no dique,
E deixei-o concertando,
Só vim cá comprimenta-la,
E ia se retirando.

Obrigada, disse ela,
Por se ter emcomodado,
Encomodo nenhum senhora,
Precisando de um creado,
Estou sempre as suas ordens,
Para servi-la me aguardo.

E lhe apertando a mão,
Se despediu e saiu,
Minerva rapidamente,

Uma tristeza sentiu,
Uma lagrima de sangue.
Sobre seu colo caiu,

Minerva exclamou: E' sangue,
Já perturbando o sentido!...
O que acontecerá,
A mim ou a meu marido,
Isso será um signal.
Que Paulo tenha morrido.

O miseravel saiu,
De todo contrariado,
Dizendo comsigo mesmo,
Meu plano foi todo errado,
Se o marido dela vir,
Fico mais atrapalhado.

Chamou o mulato e disse:
Deposito em sua mão,
O cargo mais melindroso,
De mais consideração,
Você ganha o que exigir
Se sair bem na missão.

Eu tenho trinta e seis anos,
Tenho um grande capital
Tenho seis milhões em Londres:
Posto no Banco Real,
Oito em França dez na Grecia,
Quatro aqui em Portugal.

E disse estão seis mil libras,
Para o que houver precisão,
Seja sagaz e ativo,
Tome muita precaução,
Não confie este segredo,
Nem ao proprio seu irmão.

Eu parto de hoje a dois dias
Daqui para Noruega,
Por lá eu posso saber,
Aonde Paulo navega,
E enquanto não mata-lo,
Meu espirito não socega.

Na Noruega então soube,
Que Paulo foi para o norte,
Estava encalhado no gelo,
Já em perigo de morte,
Disse Pekin essa nova,
Me vem melhorar de sorte.

E seguiu em busca delê,
Achou-o quasi perdido,
Estava preso no gelo,
Já muito desprevenido,
Se não matasse algum peixe,
Talvez tivesse morrido.

Paulo quando viu Pekin,
Não pode ter alegria,
E olhando mais de perto,

Todo o corpo lhe tremia,
O traidor quando fitou-o,
Como creança sorria.

Pekin sabia falar,
Hebraico, Alemão, Inglez,
Italiano, Hespanhol,
Divinamente o Francez,
Tanto que Paulo julgou,
Que ele fosse portuguez,

Quando ele viu Paulo disse;
Deus o guarde cavalheiro,
Estava longe d'aqui,
Encontrei um companheiro
Me disse que estava aqui,
Encalhado um marinheiro.

Se lhe falta alguma coisa,
Eu venho bem prevenido,
Trago viveres para um ano,
Já vê que estou bem munido
Passo seis mezes aqui,
O senhor está garantido.

Pekin disse ao paioleiro,
Que descesse ao porão,
E prevenisse a cósinha,
Daquela tripulação,
Mandou botar o jantar,
E convidou Paulo então,

Pekin mandou a dispensa,
Ver o vinho especial,
Paulo conheceu o vinho,
Que era de Portugal,
Disse esse aqui foi feito,
Em minha terra natal.

Pekin afirmou foi mesmo,
Eu passando lá comprei,
Saltou lá? Perguntou Paulo,
Disse Peki: Não saltei,
A viagem foi urgente,
Por isso não demorei.

Pekin perguntou a Paulo,
—O nome do cavalheiro?
Então o rapaz lhe disse,
Paulo de Sales Alheiro
Disse Peki—eu me chamo,
Paulino de Sá Aveiro.

Depois de um mez e dez dias,
Disse Peki estou doente,
Desta sei que não escapo.
Conheço perfeitamente,
Com essa minha molestia,
Nunca escapou um parente.

Paulo ficou muito aflito,
Quando assim o viu gemer,
Chamou Paulo e assim lhe disse:

Não posso mais escrever,
Nem nova da minha morte,
Minha mulher há de ter.

Oh! Minervina querida!...
A morte me veio privar,
Os revezes da fortuna,
Me proibem de gozar,
O que julguei a principio,
Longos anos desfrutar,

Tú eras o objeto,
De mais gosto para mim,
Mas a mão da providencia,
Julgou o contrario assim,
Baixou do céu um decreto,
Para a morte dar-me fim.

Só Deus não admirava.
Vendo este monstro exclamar,
Pobre de Paulo inocente,
Sem nunca desconfiar,
Não sabia que era um trama,
Que o traidor lhe ia armar

Disse a Paulo escreva aqui,
Uma carta a minha mulher,
E quando eu morrer remeta,
Ao lugar que ela estiver,
Embora que exija d'ela,
A quantia que quizer.

O leitor veja Pekin,
Que idéa concebeu,
A letra do proprio Paulo,
Na forma que ele escreveu,
Indo ás mãos de Minerva,
Era de crêr que morreu.

Na carta vinha o seguinte,
«Adeus esposa querida,
«Chegaram-me agora os ultimos,
«Momentos da minha vida,
«Então te escrevo esta carta,
«Por lembrança e despedida.

«O portador desta mesma,
«Leva a minha embarcação,
«Prometo se não morrer,
«Entrega-la a meu patrão,
«Como tambem esta carta,
«Entregar em tua mão.

«Tenho um pedido a fazer-te,
«Se acaso quizer casar,
«Procure um homem distinto,
«Que possa estado lhe dar,
«Eu preferia Pekin,
«Um amigo que tenho no mar

Pekin dizia consigo,
Esta tudo bem dirigido,
Encaminhei a idéa,

E serei bem sucedido,
Minerva conheceu bem,
A letra do seu marido.

Eu matando Paulo aqui,
Dizia mesmo consigo,
Levo a carta e dou a ela,
Até ai não há perigo,
E então poderá crer,
Que Paulo era meu amigo.

Dois ou tres dias depois,
Pekin contava melhora,
Então combinou com Paulo,
No fim do mez irem embora,
Disse a Paulo que a carta,
Já tinha botado fóra.

Então havia uma ilha,
Que de bordo se avistava,
Uma grande cordilheira,
Que na praia se elevava,
Viam-se ali arvorêdos,
Dias que a neve passava,

Disse Pekin: Ora Paulo.
Nós vamos no fim do mez,
Tem aquela ilha ali,
Ninguem foi n'ela uma vez,
Vamos vêr se a gente atira,
Em algum cabrito montez?

Pekin conhecia a ilha,
E já tinha projetado,
Num rio que havia n'ela,
Paulo ficar sepultado,
Matar a tripulação,
Depois voltar descansado.

Paulo seguia na frente,
Na margem do rio parou,
Pekin que vinha atraz d'ele,
Bem nas costas lhe atirou,
Ele caiu dentro d'agua,
A correnteza o levou...

Pekin dizia comsigo,
Agora principiei,
A obra está em caminho,
Não sei quando acabarei,
O que havia mais custoso,
Eu já desembaracei.

Voltou ao navio de Paulo,
Disse que Paulo dizia
Que a tripulação jantasse,
Que ele lá mesmo dormia,
Estava enfadado da caça,
Voltava no outro dia.

Achou tudo descuidado,
Se dirigiu a cosinha,
Nun instante envenenou,

Toda a comida que tinhã,
Voltou dizendo comsigo;
Caçada lorde é esta minha!

Dê vinte e dois marinheiros,
Somente um escapou,
Por ser muito experiente,
Por isso foi que ficou,
Desconfiando do caso,
Foi se deitar, não jantou.

Quando viu a mortandade,
Que no barco tinha havido.
Disse comsigo: Fui feliz,
D'aquilo não ter comido,
Ja sei com toda a certeza,
Que Paulo foi consumido.

O marinheiro exclamava,
Foi morto meu comandante,
Foi aquele traidor,
Liquidou o n'um instante,
Jurou que se não morresse,
Levava a questão avante.

Olhou para o lado, aonde,
O barco de Pekin estava,
Este já tinha saído,
Ele entre si murmurava,
Pensando sem acertar.
Como dele se vingava.

Pensava o velho Grumete,
 Como havia de escapar,
 Naquele lugar estranho,
 Quem o podia salvar?
 Outra embarcação ali,
 Era custoso encontrar.

Determinou ir p'ra ilha,
 Afim de ver se escapava,
 E para ver se alguma caça,
 Ou algum peixe ali achava,
 Pedindo a Deus que o mostrasse,
 Qualquer barco que passava,

Tomou um bote e saiu,
 Como um ente sem sentido,
 De manhã estava chorando,
 Ouvindo um grande gemido,
 Quando foi ver era Paulo,
 Que ainda não tinha morrido,

Pekin veio ver de manhã,
 Se tinha algum escapado,
 Achou o barco dezerto,
 Tudo tinha se acabado,
 Sorriu com o riso triste,
 Que sempre tem o malvado.

Mandou levantar o ferro,
 Sem quase fazer manobra,
 Dando uma livre expansão,

Ao destino de cobra,
 Dizendo estou muito perto,
 De concluir minha obra,

Porem Deus que é grande e justo,
 Auxilia o desgraçado,
 Mostra sempre ao inocente,
 O que esconde do malvado,
 Deus atrapalha o projeto,
 Do mal intencionado...

Então Pekin calculou,
 Que o projeto mais real,
 Era levar o navio,
 A um porto principal,
 De lá remeter as cartas,
 Com destino a Portugal,

O leitor já leu a carta,
 Que ele mandou escrever,
 A carta escrita por Paulo,
 Foi para Minerva crer,
 Pois a letra do marido,
 Havia de conhecer.

Formou todos os calculos,
 Porem a idéa mais fina,
 Foi em dizer que a mulher,
 Se chamava Minervina,
 Depois raspando tres letras,
 Dizendo o nome combina.

O nome de Minervina,
Remendou e fez Minervá,
De Paulino formou Paulo.
E disse está pronto a séva,
Só faltam as cartas seguirem,
Com pouco o correio as leva,

Era uma tarde de Abril,
Soprava um vento ligeiro,
O espaço estava limpo,
Não tinha um só nevoeiro,
Quando da casa de Paulo,
Se aproximou um carteiro,

Minerva foi-lhe ao encontro,
E em completo desespero,
Perguntou muito vexada,
Que nova traz cavalheiro?
—São duas cartas com luto,
Para Minerva de Alheiro,

Minerva abriu uma carta,
E logo impalideceu,
Era uma carta de pezames,
Que Pekin lhe remeteu,
Dizendo que o seu marido,
Em Setembro faleceu.

No estreito de Bering,
Tocou a embarcação,
Estava preso no gelo,

Perdeu a tripulação,
Depois deu nele uma febre,
Não poudo ter salvação.

E eu passando por lá,
Vi uma bandeira içada,
Chegando lá encontrei-o,
Com a febre muito alterada,
Dei-lhe os remedios que tinha,
E não pude alcançar nada.

Depois de uns oito ou dez dias,
Chegou outro companheiro,
O americano Pekin,
Seu amigo verdadeiro,
Tanto que quasi enlouquece,
Devido a Paulo de Alheiro.

O leitor veja que trama,
Tinha armado este malvado,
Sendo suas as duas cartas,
Como tão bem ideiado,
Para Minerva enganar-se,
Como tinha projectado.

Mande na ilha da Madeira,
Procurar a certidão,
Como tambem lá deixei,
Papeis e embarcação,
No mais sou seu creado,
Christovão Carlos Galvão.

Abriu então a outra carta,
 Viu o que Paulo escreveu,
 Pois a letra do marido,
 Certo é que a conheceu,
 Tinha sido um plano certo,
 Que o traidor concebeu.

Então Minerva dizia:
 Oh! vida sem esperança,
 Perdi meus pais tão pequena,
 Casei-me quasi creança,
 Ficar viuva tão moça,
 Uma alma assim não descança,

Margarida, a sua aia,
 Em soluços se afogava,
 O mulato ocultamente,
 Risonho se conservava,
 Contando com as dez mil libras,
 Que o novo patrão lhe dava,

Minerva fitou o céu,
 Exclamando oh! meu senhor,
 Deus e homem verdadeiro,
 Meu pai e meu protetor,
 Orae por esta infeliz,
 Meu Jesus por vosso amor.

E vós oh! Virgem Maria,
 Bem sabeis quanto é a pena,
 Pois na morte de teu filho,

Passaste uma horrenda cena,
 Dai-me o conforto que d'estes,
 A contrita Magdalena.

Depois de oito ou dez dias,
 Foi despedido o mulato,
 Disse Minerva da horta,
 Eu sosinha mesmo trato,
 Ele dizia comsigo,
 Eu dou-te lição de gato.

Depois de um ou dois mezes,
 O Pekin apareceu,
 Foi em casa de Minerva,
 E ela não o recebeu,
 Porque quando lhe ouviu a fala,
 O coração lhe tremeu.

O traidor não sabia,
 Que meio havia de achar,
 A força era impossível,
 Tinha a lei para empatar,
 Pensava de dia e noite,
 Que meio podia empregar.

Ele escreveu a Minerva,
 Falando n'esse sentido,
 Dizendo; eu fui o maior,
 Amigo de seu marido,
 E tenho uma carta d'ele,
 Que fala nesse sentido.

Desejava sua mão,
Visto lhe ter amisade,
Pois desejava fazer,
A sua felicidade,
Sou moço rico e solteiro,
Devo ter prosperidade,

Minerva mandou dizer-lhe,
Que ficava agradecida,
D'ele ter esta lembrança,
Em fazer d'ela escolhida,
Já tinha jurado a Deus,
Desprezar tudo na vida,

Pekin falou a uma freira,
Lhe pedindo que fizesse,
Com que Minerva o amasse,
E a ele mesmo dissesse,
Podia pedir a ele,
A quantia que quizesse.

Então a freira lhe disse:
Que sabia uma oração,
Que rezada abrandaria,
A qualquer um coração,
Ainda sendo de féra,
Quanto mais que é de cristão.

A freira foi a Minerva,
Com um recado fingido,
—Há tres noites que sonho,

Com alma do seu marido,
Que manda dizer por mim,
Que, não falte o seu pedido,

Pekin tinha dito a ela,
Tudo que havia passadô,
Só não lhe contou o modo,
Que foi Paulo assassinado,
Mas o resto do segredo,
Lhe havia revelado.

Minerva disse—é trama,
Que esta freira quer armar,
Mas o segredo da carta,
Onde ela podia achar?
E disse á freira nem Deus
Pode obrigar-me a casar.

A velha voltou e disse;
Eu não pude fazer nada,
A viuva é uma féra,
Não há quem tome chegada,
Ouve falar no marido,
Chora como uma damnada.

Pekin suspirando disse,
Foi debalde o meu lutar
A freira disse eu vou vêr,
Se a posso narcotizar.
Disse Pekin é o meio,
Porque a posso pilhar,

Foi a bordô e preveniu,
A toda tripulação,
Dizendo hoje não sai,
Ninguém desta embarcação,
Saiu com seis marinheiros,
Que tinham disposição.

Foi aonde estava a freira,
Disse ela; eu preparei,
Levei um liquido d'aqui,
Que com um chimico arrumei,
Achei ela descuidada,
No bule de cha botei.

Ai Pekin disse a freira,
Existe aqui um mulato,
Que foi empregado dela,
O Aureliano Gato,
Conhece todo segredo,
A freira disse eu o mato,

Chamou o mulato deu-lhe,
O veneno e ele bebeu,
Com dez minutos depois,
Na mesma sala morreu.
Disse a freira a hora é propria,
Ela já adormeceu.

Levaram uma chave falça,
Com ela abriram o portão.
Abriram a porta da frente,

Passaram pelo salão,
Estavam Minerva e a aia,
Dormindo ao pé do fogão.

Então traziam um berço,
A forma de uma liteira,
E disse sigam com ela,
E ai matou a freira,
Deixou-a sobre o sofá,
Disse: Fica-te alcoviteira,

Quando Minerva acordou,
Estava num leito importante
Num camarote soberbo,
Um objeto galante,
Nas borlotas das cortinas,
Em cada uma um brilhante,

Assim que Minerva olhou,
E viu Pekin ao seu lado,
Exclamou o que foi isso,
Deus terá me castigado,
Onde estou que casa é está,
Oh! Deus olhai meu estado!

Pekin na beira do leito,
Se ajoelhou soluçando,
Perdão! perdão! minha bela,
Exclamou se lastimando,
Perdôa a este infeliz,
Que aqui esta te adorando,

Então perguntou Minerva,
 Como foi que vim aqui?
 Será por acaso um sonho,
 Não é pois eu não dormi,
 Por caridade me digas,
 Quem és tú, que estás aí.

Sou eu, respondeu Pekin
 Aquele que ti escreveu,
 Que assistiu com teu marido,
 No dia que faleceu.
 Ela aí deu uma síncope,
 Fechou os olhos e gemeu,

Pekin foi vêr chocolate,
 Pediu p'ra ela o tomar,
 Minervá aí calculou,
 Que era um acerto aceitar,
 Pekin deixou-a sosinha,
 Para não a perturbar.

Minerva com Margarida,
 Estavam em uma conversa,
 Sem saberem por que meio,
 Lhe fizeram aquela peça,
 Então Margarida disse:
 --- Ele a senhora confessa.

Finja lhe ter amizade,
 Exija uma condição,
 De lhe respeitar a honra,

Emquanto não der-lhe a mão
 Só assim nos poderemos,
 Sair desta embarcação,

Chegou Pekin muito alegre.
 Minerva o cumprimentou,
 Pekin ficou tão contente,
 Que de alegre não falou,
 Fitando os olhos em Minerva,
 Como uma estatua ficou.

Disse Minerva: o senhor,
 Pode um favor me fazer?
 — Não sendo para deixar-te,
 O mais é facil obter,
 Inda que fosse meu sangue,
 Que desejassem beber.

O senhor trouxe-me aqui,
 Me diga qual intenção,
 Isto perguntou Minerva
 Na maior perturbação,
 Então respondeu Pekin,
 Meu desejo é dar-lhe a mão.

Pois bem, respondeu Minerva
 Visto querer me esposar,
 Quero pedir ao senhor,
 Que queira me respeitar,
 Só me considero sua,
 No dia em que me casar.

Pois não respondeu Pekin,
 Você está em seu direito,
 Com está resolução,
 Eu fico mais satisfeito,
 Já conheci que a senhora,
 Exige muito respeito,

Disse Pekin a Minerva,
 Pode escolher o paiz,
 Aonde quizer cazar,
 Hoje eu me julgo feliz,
 Disse Minerva por mim,
 Dou preferencia a Paris.

Pekin ficando contente,
 Revelou todo passado,
 O mulato que a freira,
 Tinha o envenenado,
 Disse que a freira foi morta,
 Por mão de um seu empregado,

Descobriu mais pela forma,
 Que a tinha narcotizado,
 Condemnando só a freira,
 Dizendo a ter enganado,
 E levantando mais outro,
 Da freira um falso recado.

Minerva pediu a ele,
 Que passasse por Cadi,
 Que ela queria pagar,

Uma promessa em Madrid,
 Para varrer uma igreja,
 De um santo que havia ali.

Disse Pekin não há duvida,
 E' perto posso passar,
 Demoro lá uns dois dias,
 Dou tempo a você chegar,
 Agora lembrou-me até,
 Tenho um negocio a tratar.

Chegaram então á Cadi,
 Minerva lhe quiz chamar,
 Pois assim era mais facil,
 Pekin não desconfiar,
 Diz ele vai meu creado,
 Não tem o que receiar.

Alugou o melhor carro,
 Que nò ponto apareceu,
 Mil contos de reis em joia,
 A Minerva Pekin deu:
 Perguntou ele a Minerva,
 Aceita um abraço meu?

Aceito respondeu ela,
 Sentiñdo n'alma um assombro,
 Minerva caia morta,
 Dando mais pequeno tombo,
 Ele com muito respeito,
 Poz-lhe uma mão sobre o hombro.

Sairam e Bulafer,
Tambem os acompanhou,
Ele se arrependeu tarde,
E ai desconfiou,
Ele sabia o que fez,
O remorso o acusou.

Chamou um criado velho,
E lhe disse você vá,
A Madrid não perca tempo,
Veja o que se passa lá,
Se houver coisa contra mim,
Telegrafe para cá.

Ela chegando em Madrid,
Logo ao entrar na cidade,
Minerva se dirigiu,
A primeira autoridade,
Fez ciente ao comissario,
De sua infelicidade.

O comandante d'ali,
Era um homem justiceiro,
Prendeu no mesmo momento,
O creado e o bolieiro,
Telegrafou p'ra Cadi,
Que prendesse o traçoeiro.

Porem o creado velho,
De tudo tinha sabido,
Telegrafou a Pekin,
— Patrão negocio perdido,
Telegrafou n'outro nome,
Para não ser conhecido.

Pekin com essa noticia
Conheceu a perdição,
Abriu o ferro da barca,
Que estava de prontidão,
Vendo a hora que a justiça,
Podia lançar-lhe a mão.

Bulafer descobriu tudo,
Quando foi ao tribunal,
Minerva tomou o trem,
Regressou a Portugal,
Ficando ali aos cuidados,
Da força policial.

Pekin pensava em Minerva,
Rugia como um leão,
Dizendo antes perdesse,
A minha tripulação,
Até mesmo a propria barca,
Fosse de encontro a um tufão.

Vamos tratar sobre Paulo,
Quando o tiro recebeu,
Caindo dentro do rio,
Na correnteza desceu,
Depois pegou-se em um páu,
Segurou-se e não morreu.

Quando foi no outro dia,
O marinheiro o achou,
Paulo estava quasi morto,
O marinheiro o salvou,
Poude lhe extrair a bala,
Depois a fistula sarou.

Não sabia porque forma,
Tinha sido esta traição,
Paulo não tinha inimigo,
Disse o marinheiro então,
Foi mulher, não foi mais nada,
Que cauzou esta questão

Minha mulher disse Paulo,
Não creio que me traisse,
Respeitava minhas cinzas,
Inda que eu não existisse,
Não creio inda que a sorte,
Por castigo permitisse

Estavam ali há dois anos,
Comendo cabra montez,
Um dia estavam sentados,
Se maldizendo talvez,
Quando viram uma bandeira,
De um hiate portuguez.

Paulo pedindo socorro,
Veio um bote os buscar,
Paulo soluçava tanto,
Que não podia contar,
Depois de cinco ou seis horas,
Foi quando pôde falar.

Afinal levaram Paulo,
A sua terra natal,
Com seis mezes de viagem,
Chegou ele a Portugal,
Jurou não fazer a barba,
Antes de ver seu rival.

Paulo saltou e foi logo,
Para a sua habitação,
Eram tres horas da tarde,
Quando bateu no portão,
Margarida quando viu,
Gritou logo: E' um ladrão!

Ladrão o que Margarida!...
Paulo aflito respondeu,
Não sou Paulo de Alheiro?
Margarida enfureceu,
Dizendo; meu amo não,
Esse a dois anos morreu.

E chamou pela policia,
Deram-lhe voz de prizão,
Disse Paulo: Diga a Minerva,
Que chegue aqui no portão,
Minerva de longe vendo,
Confirmou é um ladrão.

Minerva coitada vendo,
O que tinha acontecido,
Devido a carta de Paulo,
Que já tinha recebido,
Não podia vir-lhe a mente,
Que aquele fosse o marido.

Paulo quando viu Minerva,
Deu-lhe uma sincope caiu,
Soltou um grito tão grande,
Que a mulher do quarto ouviu,
Exclamou oh! que desgraça!...
Minha mulher me traiu!

Nada mais disse a policia,
E seguiu para a prisão,
Dando-lhe muitas vertigens,
N'aquela perturbação,
Estava da côr de tinta,
O sangue do coração.

No outro dia as dez horas,
Paulo foi enterrogado,
Porem nada respondeu.
Do que lhe foi perguntado,
Nisto chega o marinheiro,
Que a Paulo tinha salvado.

Snr. comandante esta preso?
Perguntou o marinheiro,
O juiz lhe perguntou,
Conhece o prisioneiro?
—Conheço, disse o Grumete,
Pois não é Paulo de Alheiro?

Paulo não: Disse o juiz,
Paulo faleceu no norte,
Não senhor respondeu Paulo,
O poder de Deus é forte,
A mulher mandou matar-me,
Mas Deus revogou-me a morte.

Mas quem é sua mulher?
Interrogou o juiz,
—Não é Minerva de Alheiro,
O ente mais enfeiz,
Interrogue este Grumete,
Que sabe tudo e lhe diz.

Então o Grumete disse,
Tudo que se tinha dado,
Deu os signaes de Pekin,
Mas com o nome mudado,
O juiz disse Sr. Paulo,
Você está mal informado.

—Dr. eu não sou criança,
Respondeu Paulo de Alheiro,
Minha mulher me traiu,
Com aquele traçoero,
E para melhor provar,
Fez-me até prisioneiro.

Vá chamar d. Minerva,
Disse o juiz a um soldado,
Disse Paulo antes eu quero,
Ser agora degolado,
Do que olhar a mulher,
Por quem sou hoje ultrajado.

Dou-lhe metade dos bens,
Se o sr. me dispensar,
Obrigam-me a vêr Minerva,
E' mais do que me matar,
De subito chegou Minerva,
Paulo não pode falar.

Quando Minerva chegou,
Que conheceu o marido,
Pensou na ingratição,
Que já tinha cometido,
Devido a barba de Paulo,
Que muito tinha crescido.

Caiu-lhe aos pés de joelhos,
E lhe pediu por caridade,
Que liquidasse seus dias,
Inda com rigoridae,
Dizendo creia por Deus,
Não o conheci hontem a tarde.

Mulher ! exclamava Paulo.
Inda não estás consolada ?
De mandar tirar-me a vida,
Por meio de uma cilada,
Mostrou-lhe a fistula do tiro,
Que ainda não estava sarada.

Te iludisse com um malvado,
Projetando me ofender,
Eu para ti já morri,
Nada mais tenho a dizer,
Inda cheguei inocente,
Tú me mandaste prender.

Minerva exclamou oh ! Paulo ! . . .
Não me levantes um falso,
Eu estive em condições,
De um réo no cadafalso,
Deus vendo minha inocencia,
Livrou-me deste embaraço,

Ela ai puchou as cartas,
Que do correio recebeu,
Entregou na mão de Paulo,
Ele abriu a carta e leu,
Minerva ai perguntou-lhe,
Não foi você que escreveu?

Paulo ao lêr as tais cartas,
Deu-lhe uma sufocação,
Foi exato ; disse Paulo,
Escrevi-as com minha mão,
Aí contou a miudo,
Como se fez a traição.

Oh ! Minerva me perdôa,
A minha grande maldade,
Tive razão de cismar,
Visto o que deu-se hontem a tarde,
Eu ainda hei de vingar-me,
Daquele infeliz côvarde.

Paulo comprou um hiate,
Então se lançou ao mar,
Disse a Minerva você,
Pôr mim não tem de esperar,
Vou por todo mundo a fóra,
Até a Pekia encontrar.

Escolheu 10 marinheiros
E largou-se ao oceano,
Levaram agua e comida,
Para passar mais de um ano,
Foi o destino mais forte,
Que se viu no corpo humano.

Andaram mais de dois anos,
Sem poder Pekin achar,
Uma noite muito escura,
Viram um faról no mar,
E Paulo apagou o dele,
Para se certificar.

E' Pekin disse o Grumete,
Eu conheço o farol d'ele,
Navio ancorado ali?
Ou é pirata ou é ele,
Disse Paulo se preparem,
Vamos fazer fogo n'ele.

Disse um velho marinheiro,
Faça-se averiguação,
Pode ser algum navio,
De outra qualquer nação,
Disse Paulo se fôr ele,
Eu quero pegar a mão.

Com menos de duas horas,
Tudo ali se convenceu.
Paulo aproximou-se d'ele,
Que era Pekin conheceu,
Ele deu fé que era Paulo,
Abriu o ferro e correu.

Paulo seguiu atraz dele,
Como um leão furioso,
Como um cão com hidrofobia,
Desesperado e raivoso,
E seis dias de viagem,
Paulo não teve um repouso.

Correram vinte e seis dias,
Pelo mar desconhecido,
Passaram em cabos e estreitos,

Onde ninguem tinha ido,
Disse Paulo; ou eu me vingo,
Ou no mar sou consumido.

Um dia pelas dez horas,
Pekin ai desgraçou-se,
O barco ia tão rapido,
Eateu numa pedra e furou-se,
Não tinha mais que fazer,
Pekin ai entregou-se.

Miseravel! exclamou Paulo,
Estaes agora em meu poder,
Aqui mesmo eu não te mato,
Pois Minerva há de te ver,
Numa praça em Portugal,
Hás de em uma forca morrer.

Ele nada disse a Paulo,
Perdeu de tudo a ação,
Espumava pela boca
Que parecia um leão,
Paulo botou-o nos ferros,
E levou-o no porão.

Chegou preso em Portugal,
E quando desembarcou,
A justiça veio vêr,
Minerva se apresentou,
Assim que ele viu Minerva,
Caiu no chão e exclamou;

Ainda preso e quasi morto,
Nesta desgraça em que estou,
Tenho o prazer de olhar,
Esta que me enfeitiçou,
Acenou-lhe com a mão,
N'este momento expirou.

Paulo ai sim, fez a barba,
Pagou a tripulação,
Largou a vida do mar,
Descançou o coração,
Foi viver com a mulher,
Na antiga habitação.

No enterro de Pekin,
Foi no bolço d'ele achado,
O papel de um testamento
Muito bem documentado,
Feito por tabelião,
E por Pekin assinado.

Achou-se o teor seguinte,
Eu Pekin homem solteiro,
Com trinta e seis anos justos,
Constituo o meu herdeiro,
De todos meus possuidos,
Dona Minerva de Alheiro.

Ainda mesmo que seja,
Assassinado por ela,
Declaro hoje e assino,

Todos meus bens serão d'ela
Dona Minerva de Alheiro,
Tem todo direito n'ela.

Sou livre desempedido,
Capitalista solteiro,
Não tenho pai nem irmão,
Nem quem seja meu herdeiro,
Acharam as letras do banco,
Onde ele tinha o dinheiro,

Encontrou-se outro papel,
Onde Pekin escreveu,
A exclamação que fez,
Quando a Minerva perdeu,
Amaldiçoou o dia.
E a hora em que nasceu.

Minerva anjo divino,
Docê e feliz companhia,
Flôr das flôres, anjo dos anjos,
Se eu tornasse a vêr-te um dia,
Ainda tú me matando,
A morte eu não sentiria.

Sem ti eu me considero,
Barco sem vela sem norte,
Morrendo em tua presença,
Não julgo ruim a sorte,
Vendo a tua linda imagem,
Na hora da minha morte.

De que me serve os milhões,
 Que tenho de contos de reis,
 Não possuindo uma joia,
 De valor como tú és,
 Antes eu pedisse esmola,
 Comendo o pão aos teus pés.

O cão que tinhas na horta,
 Era mais feliz do que eu,
 Pois tú sorrindo, passava-lhe,
 A mão pelo lombo seu,
 Que gloria! que encanto doce,
 Aquele cão recebeu.

Sou um pobre desgraçado,
 Da sorte desprotegido,
 Amei e não fui amado,
 Quiz tanto e não fui querido,
 Dinheiro não é fortuna,
 Se fosse, eu era servido.

Com todo desprezo seu,
 Não maldigo o nome dela,
 Antes peço a divindade,
 Que não desampare ela,
 E' muito raro encontrar-se,
 Outra mulher como aquela.

Esteve em meu poder seis mezes,
 Com toda dignidade,
 Seu carater para mim,

Tinha toda autoridade,
 Eu era um vassalo dela,
 Ela, real magestade.

Oh! Minerva anjo ditoso,
 Quão bela e bôa tú és,
 Eu sou como o cão leproso,
 Nas agonias crueis,
 Suplica amores ao dono,
 O dono, mete-lhe os pés.

Eu morrendo, o que possuo,
 Ficarâ em nome teu,
 Te peço por tua honra,
 Aceita tudo que é meu,
 Quero que gose meus bens,
 Um mais feliz do que eu.

Deus queira guiarte os passos,
 Lá por onde tú andares,
 Eu carpirei o destino,
 Aqui nas ondas dos mares,
 Onde falta-me a alegria,
 Onde, sobram meus pezares.

Onde o silencio me traz,
 Recordação dolorosa,
 Momentos que me julgava,
 Ser a alma mais ditosa,
 Porque olhava um momento,
 Tua imagem melindrosa.

Pois eu nunca tinha visto,
Uns olhos como estes teus,
Olhar de um fluido atrativo,
Que cativaram os meus,
De cada vez que olhava-os,
Via um sorriso de Deus.

Não queremos nada d'ele,
Disse Paulo e a mulher,
Todo testamento dele.
Fique para quem quizer,
Nós não queremos tocar,
Em nada que ele tiver.

Disse o juiz nesse caso,
Se lembre da caridade,
Mande tirar o dinheiro,
E comprar propriedade,
Para remir a pobreza,
E criar a orfandade.

Levaram a procuração,
Minerva então assinou,
Fez presente a caridade,
Nela também não tocou,
Deu tudo aos desamparados,
Amparando os desgraçados,
Com o dinheiro que ficou.

F I M -- Recife, 17 de Abril de 1939

1987

A VENDA: Na Rua do Nogueira

— n.º 167--RECIFE —

Remete-se pelo correio qualquer quantidade de livros mediante a importância do pedido para qualquer Estado do Brasil.

A PERNAMBUCANA

de NIGRO A. SILVA

Livros, romances e modinhas dos mais conhecidos e aplaudidos autores brasileiros

Deposito permanente dos livros do trovador popular João Martins de Athayde.

Grandes descontos aos revendedores.

Mercado Modelo n.º 158 -- BAHIA

Tambem á venda na Rua Japaratuba n. 553 - Aracajú-Marcelino de Souza Bittencourt.